

PARTE 1:

Contatos imediatos

1. BR-000

Depois de horas pedalando, o pneu frontal da bicicleta de Nicole furou.

— Merda!

Ela estava no meio do nada, cercada por ruínas de prédios e por uma vegetação contorcida, triste e alaranjada. Atrás dela, quilômetros de estrada. Na sua frente, ainda mais asfalto. Ela deu um chute na bicicleta e se afastou, arrependida.

Notou um bando de jornais no chão. Centenas deles, na frente do que pareciam ser os restos de um posto de gasolina. Leu a manchete principal de um dos jornais, intitulado “*Correio Braziliense*”:

“Universitários espalham rumores de bombardeamento nuclear: Boatos de ataque estrangeiro incitam caos generalizado no país”.

— Rumores... — repetiu a jovem, num sussurro desdenhoso.

Rumores? Não, senhor. Fatos. Nicole estava viva justamente porque seu irmão acreditou naquela história e a arrastou junto dele para um abrigo subterrâneo alugado — um lugarzinho apertado e insalubre. Não era de se admirar que ele pegou uma doença pulmonar e bateu as botas alguns meses depois de terem se enfiado naquele cubículo debaixo da terra.

Ela estava agora tentando seguir um endereço que seu irmão lhe deu antes de falecer; supostamente, seus outros amigos paranóides estariam lá, prontos para acolhê-la, mas ela simplesmente não conseguia desvendar o que diabos estava escrito naquele papel. Ela deu outro chute na bicicleta:

— Ai, mas que merda...

Olhou novamente para o papel. Não tinha nenhum nome de bairro, cidade ou rua; apenas letras e números. Morava em Brasília faz pouco tempo, e ainda não sabia o que era uma “SQSW” ou uma “QNJ”.

“*Que droga, Matheus!*”, pensou ela, invocando o irmão falecido. Ela pôs as mãos nos cabelos, passando os dedos entre os cachos em uma tentativa inconsciente de apaziguar o terror que crescia gradualmente dentro de si.

Olhava em volta e via mato. Muito, muito mato. Também via muito asfalto, além do azul do céu. Não queria acreditar que estava perdida. Esperava o momento em que um anjo desceria dos céus e a tranquilizaria, transportando-a para uma época antes de tudo aquilo acontecer... Ela acordaria com remela nos olhos e com preguiça de ir pra aula. Nada de bombas — e nada de bicicleta quebrada.

Nicole subiu novamente em seu veículo, se esquecendo do tombo que quase levou quando o aro da roda finalmente cedeu. Repetiu esse ato múltiplas vezes em poucos minutos: dava algumas pedaladas desajeitadas até levar um tombo de verdade, e então desistia. Era nesse momento que ela geralmente voltava a encarar o papel, vasculhando as profundezas da sua mente em busca de qualquer informação perdida sobre aquele endereço e se arrependendo profundamente de não ter prestado atenção nas coisas que seu irmão falava. Após perceber que não conseguiria lembrar de nada, ela voltava o olhar novamente para a bicicleta, tentada a dar mais uma volta.

Alguns minutos desse ciclo foram suficientes para que ela percebesse que aquele veículo não iria para lugar nenhum e que aquele endereço era uma cifra indecifrável que ela jamais conseguiria entender. “*Que merda, Matheus!*”, pensou, sem o mínimo de consideração pelo conceito de “descanse em paz”.

Sentiu fome. A moça tomou em suas mãos a única herança que recebera do irmão: uma solitária lata de milho em conserva. Se recusava em pensar naquilo como a sua última refeição. Ela detestava milho, mas detestava mais ainda pensar em morrer de fome — ou de envenenamento radioativo.

Nicole se rendeu às suas condições e tentou abrir a lata, só para se frustrar mais ainda: tinha esquecido o abridor no abrigo.

— Ah, vai à merda! — exclamou a moça para os céus, atirando violentamente a lata no chão. — Ah.

Se deu conta do que tinha feito. A lata só amassou um pouco, o que no mundo das latas significa que aquele milho tinha apenas mais alguns dias de vida. Não importava muito; ela literalmente não tinha mais pra onde ir. Chutou um pouco mais a lata até seus conteúdos se derramarem parcialmente no asfalto e, em seguida, recuperou o recipiente em suas mãos para comer o milho, arrependida.

— Ai, desculpa — falou para a lata, que não tinha como desculpá-la de volta. — Desculpa.

Seu rosto começou a ferver; seus olhos, a lacrimejar. Aquele milho só piorava tudo — era nojento. Não dava gosto de viver. Olhou para os céus esperando ver seu anjo, mas não viu nada além de um feixe de fumaça no horizonte.

A moça se engasgou no milho por um segundo. Fumaça! Era um feixe de fumaça fraco, mas suficientemente visível; parecia estar a, no máximo, dois quilômetros dali. Aquilo teria de servir como anjo. Levantou-se do asfalto e saiu caminhando em direção à fumaça, levando sua bicicleta detonada consigo. Aquilo não poderia nem mais ser chamado de bicicleta — mas ainda era parte da família.

2. Primeiros erros

Era uma casa grande — três andares, pra ser mais exato. Portava uma pintura em tons de cinza escuro e janelas gradeadas, detalhes que proporcionavam àquela casa uma sensação um tanto quanto mal assombrada. A alta cerca metálica que a cercava seria uma ótima adição ao seu visual desconcertante, se não fosse pela vegetação florida que se entrelaçava nas barras de metal do cercado. Flores belíssimas, como num conto de fadas — pensou Nicole.

Seus olhos passeavam por aquela fachada com uma mistura de fascinação e inveja. Aos seus olhos, estava diante de um palácio no Elísio grego, revelado para ela por meio de sinais místicos de fumaça enviados pelos deuses no claro objetivo de recompensá-la por todo o sofrimento que já vivenciou em sua estadia na terra. “Tome, minha filha. Seu presente final pelo seu impressionante score de carma positivo.”

Na realidade, aquela fumaça só indicava uma coisa: a casa já tinha dono. Parecia vir da parte de trás do terreno. O único segmento da cerca sem cobertura vegetal era o portão, portanto, ela não conseguiria enxergar através das trepadeiras sem invadir aquele território de alguma forma.

A moça retirou uma câmera instantânea de sua bolsa e tirou uma foto da casa. Algo tão lindo como aquilo deveria ser registrado — juntos das outras centenas de registros que ela mantinha naquela bolsa, empilhados em uma caixa de metal do Bob Esponja. Raramente olhava para as fotos, mas jamais se livraria delas; a maioria continha registros das feições de velhos conhecidos. Nicole não queria se esquecer.

Sentou-se numa árvore. Anoitecia. Ela estava decidida a entrar naquela casa; iria saqueá-la e, com sorte, arranjar algum modo de manter seu sustento. Não tinha muita certeza dessa última parte, mas as coisas se ajeitariam. Sempre se ajeitaram — não seria diferente agora.

Há muito tempo atrás, Nicole aprendeu a abrir fechaduras para impressionar uma garota.

Estava de noite. Quando a fumaça se apagou e as janelas da casa escureceram, ela se pôs a trabalhar. Mantinha a imagem da garota em sua mente como se fosse a santa padroeira dos arrombadores de portas, abençoando cada um dos pinos que ela empurrava

com seu clipe de papel. As rajadas de vento que a noite trazia ajudavam a manter a impressão de tal presença sobrenatural, o que mantinha a moça quase que imóvel, de certa forma. Temia se mover e acabar atraindo algum bicho do mato, ou olhar para o lado e ver o rosto fantasmagórico da garota na qual pensava; portanto, mantinha o olhar na fechadura e limitava seus movimentos às suas mãos.

Seu foco na tarefa se intensificou tanto que ela foi incapaz de perceber as luzes externas da casa se acendendo, sendo quase que fatalmente surpreendida por uma voz grave:

— ...Posso ajudar?

Em apenas um segundo sua alma foi separada de seu corpo, dissolvida, e então convertida em pura adrenalina. Nicole gritou.

— AH!

Ela olhou através do portão, avistando uma figura imponente. Parecia ser um homem: vestia uma máscara de gás preta que ocultava sua identidade, a não ser por algumas mechas de cabelo escuro e ondulado. Usava trajes igualmente escuros, contrastados por um par de óculos metálicos pendurados no colarinho de sua camisa e um avental de cozinha esbranquiçado, o qual destoava do resto do visual obscuro. Ele também portava um rifle de caça — fato tal que, ao notá-lo, a moça se espantou ainda mais. Congelou. Ela queria sair correndo, mas não gostava muito da ideia de levar um tiro. Antes de poder reagir, o homem retirou uma chave do bolso e abriu o portão por conta própria.

Nicole considerou, por uma fração de segundo, a possibilidade de ele estar a convidando para entrar. Ficou confusa.

— A bolsa.

O homem fez menção à bolsa da moça com o cano da arma. “*Ele quer a minha bolsa?*”, pensou. Não senhor. Não, Senhor! Aquela bolsa era a sua vida inteira. Suas fotos; suas memórias. Sua lata de milho. Suas ferramentas...

— A bolsa, por favor. — insistiu ele, apontando o cano da arma para os olhos lacrimejantes da pobre invasora.

Aquilo com certeza era uma punição dos Céus. Não deveria ter tentado invadir propriedade alheia. Ela cedeu: entregou sua bolsa para o homem, que trancou o portão logo em seguida.

— Não saia daí — ameaçou ele, com o rifle em mãos. Agachou-se na grama e apoiou a arma no colo, vasculhando a bolsa da moça. Ele analisava cada um dos objetos e, em seguida, os atirava no chão, para a agonia da dona.

Só tinha tralha. Além de um canivete pequeno e uma bolsinha com ferramentas de precisão e de costura, aquela mulher carregava quase um quilo de quinquilharias em grande parte inadequadas para um cenário pós-nuclear: tinta e descolorante para cabelo, sombra e lápis para olhos, inúmeras canetas esferográficas e uma caixa metálica preenchida por fotografias, dentre muitos outros objetos.

Era impossível visualizar seu rosto, mas a indiferença do homem em relação àqueles objetos parecia sugerir que ele não ficou muito impressionado por nada do que viu. Finalizada a vistoria, ele enfiou tudo de volta no lugar. Apontou seu rifle para a mulher novamente:

— O que você quer? — perguntou ele.

A moça tremia.

— Nada! Quer dizer... eu só queria comida. É um lugar pra dormir, sei lá...

Silêncio. O homem abaixou a arma sem muito cuidado. Nicole interpretou isso como um insulto a si mesma; ele parecia não considerá-la mais como uma ameaça. Ela costumava se achar mais perigosa do que realmente era, em grande parte devido às aulas de artes marciais que fez quando criança e às suas habilidades com tesouras (era cabeleireira) e agulhas (sabia remendar roupas e fazer barra em calças). Além de seus avançados conhecimentos em destrancamento de fechaduras, obviamente.

O homem se dirigiu para a parte de trás da casa. Nicole aproveitou a brecha para continuar tentando arrombar a tranca, mas sem sucesso; ele voltou um minuto depois com uma coxa de frango embratada em cerâmica. Destrancou o portão momentaneamente, devolvendo a bolsa da moça e entregando o prato para ela.

Nicole estava maravilhada.

— Você tem carne?! Nossa, muito obrigada!

Mordiscou o frango. Estava frio, mas bom. Mal se lembrava do gosto das coisas que não vinham de dentro de latas. Levantou o rosto para observar o homem novamente, mas, assim como apareceu, ele havia ido embora: silenciosamente, como uma aparição.

3. Homem esquizóide do século XXI

Ivan acordou confuso.

Seu quarto estava escuro, mas ainda não era noite; os raios de luz alaranjados que adentravam as janelas sugeriam que o sol já estava se pondo, contrariando a sua rotina usual de levantar às seis da manhã, junto do usual canto do galo. Estranho. O rapaz abriu os olhos com dificuldade, movimentando sua visão embaçada pelo ambiente do quarto até que algo chamasse sua atenção. Na parede ao lado de sua cama estava apoiado um rifle de caça, descarregado. Lembrou-se de ontem.

“Ah. O galo.”

Na aurora do dia anterior, Ivan fora acordado como de costume pelos gritos estridentes do galo que criava em seu jardim. Tomado por uma profunda e incomum irritação, ele apanhou seu rifle e, diretamente da janela de seu quarto, meteu chumbo na pobre da ave e voltou a dormir. Acordou novamente naquela tarde e transformou o cadáver do galo em seu jantar, grelhando-o numa churrasqueira a carvão em seu quintal.

“Nunca mais vou acordar cedo.”

Ele se deitou novamente, remoendo um leve sentimento de culpa na cabeça. O galo já não importava mais — foi de alarme a proteína. Ivan estava decepcionado mesmo é com o fato de que conseguiu quebrar em apenas uma manhã a rotina rigorosa que ele manteve de pé por aproximadamente um ano inteiro. Não conseguia admitir, mas ele sabia, lá no fundo, que sentia falta de ir dormir às cinco da manhã, depois de uma noite passada em claro numa mistura de cálculo integral com café preto e jogos de tiro online. Bons tempos.

Seu quarto estava silencioso. Os sons das galinhas sobreviventes já não alcançavam as suas janelas. Poderia dormir *pelo resto do dia*, pensou, sentindo-se abraçado pelos lençóis em sua cama.

Poderia dormir *para sempre*, pensou, dando uma olhada breve no rifle ao lado de sua cama. Fez uma careta de desgosto para si mesmo.

“Esquece.”

Ele não teve tempo para nada disso. Suas divagações foram interrompidas por um ruído metálico, abafado, e acompanhado de alguns murmúrios, ambos vindos do portão de sua casa.

“Ah, a garota.”

Ivan se dirigiu para a janela do outro lado do quarto, esperando avistar alguém em específico no seu portão. Na noite anterior, uma mulher havia tentado invadir sua

propriedade, sem vergonha nenhuma na cara e com uma confiança estúpida que poucos naquele mundo ainda possuíam. Ivan chegou a admirar o gesto, mesmo que vítima dele, e compartilhou sua comida com a ladra após ter certeza de que ela era apenas isso — uma delinquente qualquer.

Ele espiou através das cortinas. Ao invés de avistar a mulher na qual pensava, ele se deparou, na verdade, com a última coisa que ele queria ver. Diante do seu portão estavam dois soldados estrangeiros, vestidos em uniformes polidos os quais o jovem conhecia muito bem.

Ficou tonto. Não havia terminado de acordar direito; começou a sentir uma mistura de ânsia com um forte desejo de sair correndo. Pra onde, ele não sabia. Imaginava lugares que provavelmente já não existiam mais. Ivan parou de costas para a janela e inspirou profundamente. Estava tudo ótimo.

Olhou novamente para o seu rifle. Algumas ideias fluíam pela sua mente; desenhou um rascunho de plano na cabeça e tomou sua arma em mãos, recarregando-a. Em seguida, o rapaz calçou suas botas e vestiu seu casaco, encobrindo suas feições com uma máscara de gás preta logo em seguida.

O ar frio de seu quarto adentrou em seus pulmões, deixando para trás um chiado ao atravessar os filtros da máscara. Se tudo desse errado, pensou, aquela arma sempre seria seu plano B. Ele abriu a porta do cômodo e desceu lentamente a escadaria, apreciando o som do impacto que suas botas faziam com os degraus, se aproximando cada vez mais do andar de baixo. Estava prestes a receber novos convidados.

— Boa tarde. Como posso ajudá-los? — disse Ivan, com a voz desprovida de emoção.

Do outro lado do portão estavam dois soldados estrangeiros, a serviço do bloco de países responsáveis pelo bombardeamento da América Latina a aproximadamente um ano atrás. Estavam uniformizados e bem arrumados.

— Boa tarde — disse um dos soldados, mais à esquerda. — Estamos à procura de uma... “Lívia Vieira Rossi”, acusada de fazer parte do grupo de cibercriminosos que invadiu os sistemas militares do nosso bloco, há mais ou menos um ano atrás.

O outro soldado retirou do bolso uma fotografia 3x4 ampliada, exibindo-a para Ivan.

O rapaz sentiu suas entranhas se contorcerem; suor frio começou a escorrer pela sua nuca. A pessoa retratada naquela fotografia era ninguém mais, ninguém menos do que ele

mesmo — aproximadamente na época em que ingressou na faculdade. Tinham o mesmo rosto e nariz longos, a mesma pele bronzeada, o mesmo cabelo escuro e ondulado e os mesmos olhos castanhos e melancólicos que Ivan sempre possuiu, desde a infância. Hoje em dia seus óculos eram diferentes, mas além disso (e da barbicha que ele agora possuía), ambos eram indistinguíveis.

— Temos informações de que essa casa pertencia aos avós dela — continuou o soldado da foto.

Silêncio. Engrenagens giravam na mente do moço, tentando decidir entre inventar uma mentira absurda ou adiantar logo os tiros que ele daria no crânio de ambos os soldados.

— Senhor, — disse o primeiro soldado— pedimos que retire a sua máscara.

Ele não parecia ter muita escolha. Ivan mentiria, então, uma mentira das grandes. Retirou a máscara de gás, colocando seus óculos no rosto e dizendo na voz mais grave que conseguia fazer:

— Ok, ok.

Os soldados se entreolharam, claramente tentando entender, de algum modo, a semelhança entre o jovem e a fotografia. Pareciam estar falhando nisso.

— Eu sou irmão dela. Mas eu não sei de nada, não. Não vejo ela faz anos...

— Não importa — interrompeu o segundo soldado. — Temos um mandado de busca e você tem ligação clara com a suspeita.

Ambos poram as mãos nos coldres, ameaçando por suas armas de fogo em uso.

— Ou! Ok!